

# DOSSIÊ daGAVETA

## Literatura Marginal: como as (des)figurações interferem na escrita

A cidade do Rio de Janeiro, como todo espaço urbano, é um campo de disputas, sejam elas simbólicas, afetivas ou estéticas. De um lado, surge a imagem de uma “cidade maravilhosa” continuamente reforçada por discursos oficiais e turísticos. De outro, pequenas aberturas — becos e vielas — com vozes que contam outras histórias fora do padrão habitual. Nesse cenário, o dossiê desta edição propõe discutir como essa paisagem vai sendo percebida e reinventada por escritores contemporâneos, que criam novas perspectivas que desestabilizam um ponto de visto único.

A chamada “literatura marginal” surge, desse modo, como um ato de deslocamento. Uma escrita que, à margem dos circuitos hegemônicos, muda o centro. A rua não é apenas um cenário; ela é um instrumento da prática criativa, e é configurada pela figura do flâneur, que experimenta a cidade captando os ritmos e as inquietações modernas, presente na poesia de Charles Baudelaire. Também nosso escritor Paulo Barreto, no início do século XX, escreve a partir das experiências do flâneur e coloca a cidade em seu próprio nome de artista: João do Rio. Agora, em nosso tempo contemporâneo, podemos mencionar o escritor Geovani Martins, que no livro *O sol na cabeça* (2018) narra a cidade a partir de vivências periféricas, utilizando uma linguagem que reflete a oralidade e as tensões das favelas cariocas, fazendo com que a rua se torne um lugar de formação, conflito e pertencimento.

Assim, trouxemos aqui outras vozes no presente: os jovens e talentosos escritores Caio Liima e Amanda Condasi que nos concederam as entrevistas que se seguem, além de um conto inédito de cada. Nascidos em Nova Iguaçu e São Gonçalo, respectivamente, eles utilizam a própria experiência de deslocamento entre o que se convencionou a chamar de periferia e de centro, para justamente deslocar esses espaços, quebrando hierarquias. Eles veem a rua como matéria-prima de suas narrativas. Em suas obras, como explica Amanda, a cidade não é apenas um pano de fundo; ela se transforma em um elemento vivo e pulsante, repleto de contradições, afetos e violências. Caio explora, por sua vez, a imagem de “sertão carioca” para falar sobre espaços demarcados que precisam ser abertos e explorados. O cotidiano se torna, em suas escritas, potência estética e política. E, além de falarem sobre essas importantes questões, os autores nos contaram sobre suas experiências como leitores e seus percursos como escritores em nosso presente, aqui, compartilhado.

Equipe do Dossiê DaGaveta

Isadora Sousa

Mariana de Brito

Enzo Avolio

# DOSSIÊ daGAVETA



**Amanda Condasi**, natural de São Gonçalo, é estudante de Letras na UFRJ e sempre foi sonhadora, leitora e faladeira. Fã em tempo integral e grande consumidora de cultura pop, acredita no poder da leitura e educação antirracista e segue por aí escrevendo suas histórias: é apaixonada em criar seus próprios mundinhos. *Na ponta dos sonhos*, que se encontra na antologia *Vozes Negras*, foi sua primeira publicação.

# DOSSIÊ daGAVETA

**Mariana Brito (entrevistadora daGaveta):** Primeiramente, a gente queria que você se apresentasse, seu nome, de onde você vem.

**Amanda Condasi:** Meu nome verdadeiro ou meu nome artístico? É importante. É o CPF e o CNPJ.

Tá, então... Meu nome é Amanda Condasi.

Eu tenho 28 anos. E eu moro no Grajaú.

**M.B:** E como você começou de fato a escrever?

**A.C:** Eu digo que o marco de eu ter começado a escrever foi quando eu ganhei meu primeiro computador. Foi quando eu tinha 13 anos. Então, desde os 13 que eu escrevo. Mas antes eu já tinha ideias, mas eu não tinha o costume de rascunhar no papel. Só eram ideias que eu tinha a partir dos livros que eu lia, mas ficavam na minha cabeça. E quando eu ganhei meu primeiro computador, foi quando eu destravei essa persona escritora.

**M.B:** Qual foi o seu livro de “meu Deus, eu quero escrever”?

**A.C:** Ai, nossa. Acho que foram dois, assim. Na verdade foram três. Dois no mesmo autor, foram dois do Pedro Bandeira. Eu sempre falo que o Pedro Bandeira, a Thalita Rebouças e Mauricio de Sousa, foram os meus pilares iniciais para eu escrever. E do Pedro Bandeira eu cito dois, que é *A Marca de uma Lágrima*, que é o meu livro favorito da vida, e o da série dos *Karas*, a *Droga da Obediência*, principalmente. Lembro que eu devorei ele assim, na adolescência, nas férias, tava em casa nas férias de julho, aí, tipo, de 15 dias de férias foram 10 dias lendo o livro, até bem antes de 10 dias, ele é fininho. E eu fiquei encantada com a história dos jovens, e essa questão da droga, e um grupo de amigos. E isso me chamou a atenção, tipo, de que os adolescentes eram os protagonistas da história, os jovens eram os protagonistas da história, pessoas com a mesma idade que eu sendo protagonista de uma grande coisa, na *Droga da Obediência*. Então, isso me saltou aos olhos, como que os jovens, os adolescentes, podem ser os protagonistas das suas próprias histórias. E a *Droga da Obediência*, foi um livro que me chamou muito a atenção pelo ponto de também ser uma jovem, mas ela tinha muitos problemas de autoestima, ele primeiro me cativou porque eu também era uma jovem com problemas de autoestima, mas também foi isso, também tinha um mistério, também tinha meio que uma morte. Então teve também essa questão de investigação, apesar de eu não escrever suspense, thriller e coisas assim, esses dois romances juvenis, com essa trama de suspense, de investigação, me chamou a atenção e foi uma fagulha para escrever. E os outros livros da Thalita Rebouças, né,

# DOSSIÊ daGAVETA

que também, a Thalita não tem jeito, também jovens sendo protagonistas de histórias de amor, de aventura. Nossa, *Tudo por um Popstar*, um livro que eu adorava. As aventuras dela, atrás dos ídolos. Então, essa questão de ter um jovem no centro e ele ser o protagonista da sua história, não só a história central do livro, mas da sua trajetória pessoal, claro que eu não tinha todas as palavras na minha cabeça naquela época. Mas eu entendia que eu queria escrever tendo o adolescente no meio e buscando viver, assim.

**M.B:** A gente também tem essa relação com a internet, com o computador, começando a ler fanfics...

**A.C:** Eu comecei escrevendo fanfic. Foram as primeiras histórias que eu postei, publiquei. Mas claro, assim... Usando pseudônimo... Tudo bem escondido, assim. Foi através das fanfics que eu perdi o medo de ficar só lá no meu Word. Não fez muito sucesso, mas foi o pontapé inicial.

**M.B:** Entrando mais no tema da revista em si, que é a desfiguração da cidade do Rio de Janeiro em Letras e Artes, a gente queria saber como a cidade do Rio influencia na sua escrita, você como moradora?

**A.C:** Acho que o Rio de Janeiro é o protagonista de muitas coisas que eu vivi. Agora, eu moro aqui, no Grajaú, mas até o ano passado, eu morava em São Gonçalo, que é a cidade onde eu cresci, me formei, enfim. Então viver nesse contraponto de morar na região metropolitana e viver no Rio de Janeiro, toda a questão de trabalho, estudo, amizade, lazer, tudo veio no Rio. E eu não tinha esse tipo de trabalho, de lazer, estudos em São Gonçalo, eu tinha que sair da minha cidade pra ir pra outra cidade. Então eu acho que nos meus livros, nas minhas histórias, eu acho que eu conseguia meio que idealizar esse lugar do Rio de Janeiro ser a minha cidade, que eu conseguia fazer tudo, também é um grande protagonista, que o Rio de Janeiro é uma cidade bonita, paradisíaca, e tudo mais. Então eu acho que eu utilizo do Rio de Janeiro como um protagonista. O maior exemplo disso é a minha história *O Rio de Janeiro continua lindo*, que ele é realmente o protagonista do livro. E foi muito interessante escrever isso, porque quando eu estava escrevendo essa história, eu não estava no Rio, então, eu também escrevi em um lugar de saudade. Não só da minha protagonista, mas meu também. Eu não estava no Rio nessa época, foi em 2021, eu fiquei seis meses morando em Boa Vista, Roraima, que é onde minha mãe mora.

Eu escrevi toda a história longe do Rio. Eu estava com uma saudade dupla. Além da saudade da protagonista, era minha também. Então foi interessante de ter escrito nessa ótica e ter usado o Rio como um grande plano de fundo.

# DOSSIÊ daGAVETA

**M.B:** Realmente a gente vê o Rio de Janeiro como protagonista, você passou muito bem essa ideia. Em algumas obras, a gente sente uma falta, mas nessa não, eu entendi como é que essas duas mulheres passam, por onde elas moram, os locais, até aqui. É uma coisa muito real, pegar o metrô.

**A.C:** Eu gosto de colocar a cidade, principalmente o Rio de Janeiro, que eu sempre... Acho que tirando *Na Ponta dos Sonhos*, que é lá em São Gonçalo, mas enfim tem a ver também, qualquer cidade que eu escrevo, mas eu escrevo mais da ótica do Rio ou também São Gonçalo ou Niterói, a cidade nunca é um plano de fundo, nunca é uma coisa chapada. Os protagonistas sempre interagem com a cidade. Porque eu acho que também é da minha experiência. Enquanto pessoa que transita por essas cidades, eu não só passo pela cidade, eu interajo com elas, faço parte delas. Eu acho que isso também deixa a história mais rica, sabe? O personagem, não só a cidade não é um plano de fundo, ele interage. Então, isso de pegar o metrô, de ir à praia, de, sei lá, falar uma coisa ou outra. Eu lembro que no *O Rio de Janeiro Continua Lindo*, eu acho que eu falei alguma coisa sobre alguém estudar no Pedro II. Não é só, tipo "Ah, estou no Rio de Janeiro e beleza." E aí, tipo, não tem a história, o protagonista não faz nada característico do Rio de Janeiro, sabe? Então, nesse, nesse livro que eu estou escrevendo agora, que também se passa aqui no Rio, mas é um outro Rio de Janeiro, a história se passa mais na Zona Sul, porque a protagonista tem dinheiro. E aí é uma outra realidade, também, apesar de ser no Rio, eu não vivo em Ipanema, eu não vivo no Leblon, não vivo em Copacabana, entendeu? Mas, acredito que eu tô conseguindo, trazer minha essência nisso. Então também está sendo um outro tipo de Rio de Janeiro que eu estou explorando, né?

O Rio de Janeiro de quem tem dinheiro.

**M.B:** E como a gente transita por esses lugares, essa cidade. Tem uma galera que vai pra Zona Sul pra festejar, pra ir em praia, pra essa sensação do lazer. Enquanto outras pessoas saem horas antes só pra trabalhar ou estudar. Então a gente queria saber também como que você foi desenvolvendo essas características do lugar onde você mora. *Na Ponta dos Sonhos* se passa em São Gonçalo, você como Amanda CNPJ, escreve também com seu CPF, e você também vai transitando entre estar lá e estar aqui, estudando no Rio e morando em São Gonçalo, como isso foi moldando e desenvolvendo isso na sua escrita?

**A.C:** Eu acho que nenhuma escolha dos escritores é por um acaso. Então, a minha escolha da minha primeira história, de passar em São Gonçalo, não foi por um acaso. Foi um gesto que eu quis fazer como minha primeira história publicada, eu quero que se passe na cidade onde eu cresci. Você não conhece muitos livros, até hoje, que se

# DOSSIÊ daGAVETA

passam em São Gonçalo. Então isso foi estrategicamente pensado. Quero que minha primeira história se passe em São Gonçalo, porque eu quero que as pessoas que não conhecem São Gonçalo, conheçam. E quem conhece, saiba que São Gonçalo também é um lugar que você pode viver histórias. A Baixada e as regiões metropolitanas são sempre vistas como cidades-dormitórios, né? Cidades-pêndulo. A gente já acorda lá, só que vem pro Rio pra trabalhar, e aí fica nesse pêndulo toda a vida, né? A Ponte Rio-Niterói pra mim sempre foi esse pêndulo. Então acordava em São Gonçalo, ia pro Rio, voltava pra dormir em São Gonçalo, ficava nessa pra sempre. Então eu achava que o lugar onde eu nasci, cresci, tive toda a minha identidade moldada não fosse o lugar onde eu conseguisse criar e viver histórias de amor, histórias de superação. São Gonçalo pra mim, enquanto moradora, sempre foi um lugar fadado à violência, tráfico, morte, existia até uma piada interna lá entre os moradores, eles tinham um jornal que circulava no município, chamado *Jornal São Gonçalo*, e as pessoas falavam que o jornal tem tanta tragédia que se você amassar, sai sangue. De tanta tragédia que tem no jornal.

E eu não quero que São Gonçalo seja visto somente como um lugar de pobreza, de morte, de violência, de tráfico, de sangue. Eu quero que as pessoas também olhem para aquela cidade e pensem que também tem outras formas de pensar São Gonçalo, sabe? Então foi estrategicamente pensado, isso. E pra mim até hoje é muito importante eu ter dado esse primeiro passo no mercado editorial, colocando a minha cidade em voga, levando ela junto comigo. E eu sempre falo, em qualquer lugar que eu vá, eu sempre vou falar que sou de São Gonçalo. Minha primeira história foi lá porque isso me... Como é que eu posso falar? Não que me faz diferente das outras pessoas, mas me faz diferente das outras pessoas porque eu tenho experiências enquanto uma escritora, uma estudante, uma mulher gonçalense que outras pessoas não têm, têm outras experiências. Então isso também me molda enquanto profissional e o que eu quero levar e o que eu quero mostrar nas minhas histórias. Então colocar essa cidade nesse papel e falar de lugares, não inventar lugares, falar de lugares reais, todos os lugares que estão no meu conto existem. Então a protagonista passa por vários lugares que eu passava enquanto eu estudava lá, enquanto morava. Não é inventar uma São Gonçalo fictícia, é uma São Gonçalo que existe.

Todos os lugares que estão lá existem. Também foi muito importante pra mim ter colocado esses lugares reais, lugares que qualquer gonçalense mediano passa, sabe?

Então foi estratégico essa ideia de utilizar a cidade como um plano, não como plano de fundo, mas como protagonista. E eu acho que eu gosto de fazer isso. Eu acho que *Na Ponta dos Sonhos* e *O Rio de Janeiro Continua Lindo* são dois exemplos da cidade como uma parte muito crucial de protagonismo, porque acho que a cidade também é muito crucial pra minha formação enquanto escritora.

# DOSSIÊ daGAVETA

**M.B:** Falando dos dois contos, são duas protagonistas pretas vindo de fora do Rio de Janeiro que a gente propaga pra outros países. E a gente queria saber de onde vem esse desejo de colocar essas duas protagonistas, que são mulheres, negras, uma LGBT, a outra bailarina. De que onde vem essa questão?

**A.C:** Ah, eu acho que foi uma coisa muito natural. Pra mim, acho que não tem como não escrever protagonistas que minimamente se pareçam comigo. Eu acho que uma das coisas que me fizeram começar a escrever, foi porque eu não via personagens parecidos comigo. Se eu via, não era um lugar de protagonismo. Acho que é a frase que eu adotei pra minha vida, que eu escrevo as histórias que eu gostaria de ter lido. Isso foi natural pra mim, ter colocado duas protagonistas, uma LGBT, as duas negras, a Dandara, por exemplo, tem uma família grande, e eu não tenho uma família muito grande com muitos irmãos. Mas a Dandara tem. Então, eu quis ter essa dinâmica de vários irmãos, uma casa, enquanto a Dara e a Brenda têm outras dinâmicas familiares.

Então, essa questão de uma família preta, grande, de falar alto e tal. Todo mundo conhece alguém que tem uma família desse jeito. Mas foi natural colocar protagonistas que se parecessem comigo minimamente, ou pessoas à minha volta, mas também nada por acaso, também tem uma escolha política por trás disso. É uma escolha política de reafirmação de que esse tipo de pessoa, pessoas negras, pessoas gordas, pessoas LGBTs, também merecem protagonismo e ser protagonistas de suas próprias histórias. Então é uma coisa natural, mas política ao mesmo tempo. Que eu acho que define muito bem o que eu sou.

**M.B:** Também tem a questão das músicas, como você falou da música naquele momento. Como ela também diz sobre aquele lugar. Ficou muito na minha cabeça essa relação que você tem com a música e com a arte. Além da literatura, tem balé, tem a música, tem a dança. De onde você tirou essas influências do seu programa, do seu trabalho, o que nesse momento tem feito você criar esse olhar?

**A.C:** Que pergunta interessante. Eu sou muito curiosa com as artes no geral. Eu acho que, se eu não fosse escritora, eu ia ser artista de qualquer forma. Eu ia tá na dança, eu ia tá na música, eu ia tá nos bastidores, eu ia tá no holofote, eu ia ser atriz, eu ia ser o que for, mas eu acho que ser artista é uma coisa intrínseca a mim. Eu escuto muita música, acho que a música é uma arte que me atravessa muito, sabe? As letras das músicas. Então, ter usado balé, acho que foi um golpe de sorte, foi uma coisa que me inspirou. Eu nunca fui de balé, eu fiz jazz quando eu era criança, mas nunca fiz balé. Não sei da onde veio balé na história, mas ele surgiu e eu gostei muito.

# DOSSIÊ daGAVETA

Eu fiquei pesquisando muito sobre balé, sobre escolas de balé e tal. Foi muito interessante essa pesquisa, que era uma arte que eu admirava, mas eu não tinha nenhuma noção. Então, eu fui atrás. Foi muito legal de pesquisar. Mas a música é um ponto muito crucial no meu processo de escrita, no meu desenvolvimento de personagens e de tudo. Então, a música sempre está comigo em todos os projetos que eu faço. Um ou outro, eu acabo colocando uma música ali que tem a ver com o capítulo, com a história. Todas as minhas histórias têm playlists, porque, às vezes, ou eu tenho inspiração com uma música ou uma música me ajuda quando eu estou travada com alguma coisa ou eu fico escutando uma música e fico: “Ah, seria legal ter essa música no fundo de tal cena, quando o protagonista faz isso, isso e aquilo”

quando eu vejo, eu tô desenvolvendo uma história que eu estava travada, assim, isso tem acontecido muito com esse livro que eu estou escrevendo agora. Um dos protagonistas toca violão, e aí, eu fico... Ah, ia ser legal ela tocar violão pra outra menina, tocar tal música, aí eu fico pensando na cena, assim, nela tocando violão e vem a música e eu fico pensando o que pode acontecer e tal. Então, a música, ela sempre é um gatilho muito bom pra mim, pra inspiração. Então, as artes, principalmente a música, está muito atrelada à inspiração. São umas coisas, assim, imprescindíveis pra mim. Eu não consigo trabalhar sem música.

**M.B:** E pra fechar, qual é o seu recado pra meninas negras, jovens, de São Gonçalo. O que você quer deixar de herança com seu trabalho?

**A.C:** Eu acho que o que eu quero, o que eu faço com o meu trabalho é que eu quero que no futuro as meninas parecidas comigo não pequem de representatividade. Não fiquem lendo o livro imaginando uma protagonista preta, sendo que ela foi escrita como branca. Eu quero que a representatividade não seja escassa, que ela seja uma coisa comum no dia a dia. Então, se depender de mim, vou trabalhar sempre para que ninguém precise ficar se vendo nessas entrelinhas. Tipo, ah, eu sou aquela protagonista porque ela é a mais escurinha, mais ou menos escurinha, assim, tipo, por exemplo, um exemplo claro: *Três Espiãs Demais*. Aí, era uma ruiva, uma loira e uma com o cabelo preto. Vou ser aquela de cabelo preto, sabe? A gente pegava referências de representatividade em coisas mínimas. Eu não quero mais que isso seja assim. Então, se depender de mim, a referência de representatividade vai ser clara, explícita, escrachada para todo mundo. E o recado que eu dou para os jovens escritores periféricos é que não desistam. Por mais clichê que seja, por mais fácil que é falar, se não for a gente fazendo, ninguém vai fazer pela gente. Então é muito importante que a gente dê a cara a tapa, e se mostre e conquiste os nossos lugares, que é nosso por direito. A gente nunca tá no mesmo patamar de escritores brancos e renomados, muito pelo contrário. A gente tem que galgar o nosso espaço, mas não desistam, existe

# DOSSIÊ daGAVETA

lugar para todo mundo e o nosso lugar vai chegar e tá chegando. Se a gente também juntar com pessoas que têm o mesmo propósito que a gente, também é muito bom e ajuda um pouco a desanuviar a nossa mente. Mas o recado que eu dou é esse, que um dia a representatividade não vai ser um tema, não vai ser uma questão, vai ser como qualquer outra coisa.

# DOSSIÊ daGAVETA

## *Prefácio "A sétima onda"*

Eu sempre fui do axé, direta e indiretamente. O cheiro das ervas e do defumador, o som do atabaque, o branco nas vestimentas e a dança sempre me fizeram ser do axé. O corpo arrepiado, o pé ritmado e a paz quando recebia o afago de uma entidade que gostava.

O axé está em mim antes mesmo que eu soubesse o que significava isso. É coisa que vem de ancestral, arrepia a pele e não tem explicação.

Um conto como esse, anos atrás, me ajudaria a entender ainda mais que está tudo bem ser quem eu sempre quis. Mesmo com família que segue religião de matriz africana, eu por muito tempo não tinha coragem de bater no peito e assumir minhas responsabilidades. Orixá está conosco desde o nosso nascimento, sabe o que a gente precisa e cuida dos nossos caminhos.

Quando recebi o convite de escrever esse prólogo, na hora pensei que não seria capaz. Assim como mais nova, achei que não conseguiria exercer minha fé. Tinha medo do que falariam de mim e dos olhares tortos por aí.

O preconceito religioso e a incerteza em mim mesma me fizeram renunciar vontades e me fechar. Agora eu sei que Orixá sempre acreditou em mim e que talvez não fosse o momento certo. Acho que não escutei a voz de dentro de mim, ou melhor, ouvi e não me fiz de entendedora na época. Maria Bethânia canta que é a casa do raio e do vento, e, por muito tempo, eu me tranquei a sete chaves, que é um número simbólico, olhem a ironia do destino.

Talvez você não tenha contato algum com as religiões de matriz africana, nunca nem mesmo frequentou um terreiro. Mas espero que ao final dessa leitura vocês consigam sentir um pouco da magnitude e a grandiosidade que é Oxumarê. Orixá representado por uma cobra e um arco-íris; renascimento, ciclos, esperança e luz.

Não poderia estar mais feliz de estar escrevendo essas palavras para alguém que amo. Algumas coisas não necessariamente precisam de explicações e motivos, como por exemplo, a aproximação e amor genuínos que sentimos para com o outro. Juan consegue nos cativar com cada palavra. A dor, a raiva, o amor e a esperança em cada frase é sentida ao máximo nesse conto. Espero que embarquem de cabeça e peito aberto nessa leitura e absorvam ao máximo cada mensagem nas entrelinhas.

“Arroboboi Oxumarê! Salve o senhor do arco- íris.”

Com amor e axé,

**Amanda Condasi, Autora do conto**  
*Na ponta dos sonhos (Vozes Negras)*

# DOSSIÊ daGAVETA



**Caio Liima**, natural de Nova Iguaçu, no subúrbio do Rio de Janeiro, é estudante de Letras – Literaturas na UFRJ e escritor de suspense e terror, com uma produção marcada por protagonistas negros e LGBTQ+, o que mescla suas vivências pessoais aos seus livros. Brilhando na cena literária independente, já publicou na Amazon os livros *Céu de Asfalto* (2024) e *Fruto Podre* (2025).

# DOSSIÊ daGAVETA

**Mariana Brito (entrevistadora daGaveta):** Primeiramente seu nome, idade, a sua cidade natal...

**Caio Liima:** Então... Meu nome é Caio Liima. Tenho 26 anos. E eu vou falar que eu sou de Nova Iguaçu. Vou manter o sou de Nova Iguaçu. Não tô morando lá, mas eu sou de lá. Quero tratar esse local.

**M.B:** No momento você tá morando por onde mesmo?

**C.L:** Tô morando em Bonsucesso.

**M.B:** E quando você começou a escrever? O que te despertou essa vontade de escrever?

**C.L:** É, então, eu tava até pensando ali sobre, um pouco, essa trajetória com escrita comigo foi um pouco complicada, porque o primeiro livro que eu peguei e gostei, eu já tinha lido bastante *Turma da Mônica* e tudo mais, só que foi um livro que não era pra eu ler. Eu tinha oito anos de idade, é o *Mistério do Trenzinho Caipira*, apesar do nome, é um livro um pouco mais sério, é um livro infantil, mas é um livro que eu acho um tanto sério.

Eu não conheço o escritor ou a escritora, peço até hoje pra ninguém me falar, porque eu não quero nem ver a cara. Eu gosto muito, eu não quero ter nenhum contato, porque foi algo que me moldou, assim. Então, é um livro sobre suspense, mistérios, tem assassinato. E eu fiquei encantado de que um livro poderia ter tanta coisa que me prende. Então quando eu comecei a escrita, foi junto com esse livro, ali pelos oito anos, histórias péssimas, tá, gente? Só histórias rascunhadas assim no papel, que eu achava que era alguma coisa.

E quando eu me entendi como escritor realmente, foi no Wattpad, lancei meu primeiro livro com 17 anos. É, 17 anos ali no Wattpad, e antes disso eu só lia fanfics. Então esse processo de me tornar escritor foi uma construção. Pegando um pouco dali, um pouco daqui, um pouco daqui, e aí veio.

**M.B:** Quais gêneros você tinha interesse quando consumia as obras do Wattpad e como foi essa transição do Wattpad como leitor e escritor para um autor com obras na Amazon?

**C.L:** Foi bem forte, assim, porque a minha escrita mudou muito. O meu primeiro livro da Amazon foi na pandemia, então estava nesse momento extremamente conturbado do Brasil, do mundo, mas do Brasil estava extremamente conturbado. E o que eu mais senti foi a pressão do público, pelo menos comigo, porque no Wattpad não tem

# DOSSIÊ daGAVETA

o tanto de crítica que tem quando você coloca um livro à venda. E é o certo, porque é um produto também.

Então, enquanto estava no Wattpad, eu estava tendo um conforto. Quando foi para a Amazon, o conforto acabou. Graças a Deus, ele acabou. Então eu tive que lidar com o público, meio que cobrando, meio que falando, meio que elogiando e criticando. Então, para mim, me moldou, eu acho que foi o meu processo de um posso ser um escritor no Brasil, eu acho que eu tenho essa coragem, essa confiança de conseguir fazer isso. Para mim, foi um momento único. Foi uma virada de chave, vamos dizer assim, como profissão.

**M.B:** *Quais são os autores que te inspiraram e despertaram a vontade de produzir e escrever sobre suspense, sobre romances? Tem muito sobre você nessas obras, mas muitas referências, quais são esses nomes?*

**C.L:** Tenho, eu tenho, gente... Assim, para mim, o Jorge Amado, já falando. Mas eu queria ser filho dele, eu queria ser alguma coisa dele, eu queria escrever os livros dele, é porque para mim, às vezes não funciona como inspiração, eu queria que ele baixasse em mim, você está entendendo? Eu tenho um pouco de inveja, gente, de um morto, acontece. Mas eu acho o Jorge Amado um dos maiores escritores do Brasil, acho a potência da escrita dele surreal, você lê e vê brasilidade. Você pega assim... não é como as outras pessoas faziam, num ponto de, não criticando os outros escritores, mas ele tem uma certa brasilidade de ousadia, de uma confiança na própria escrita, um jeito de falar diferente. Então, quando eu li, eu li *Capitães*, a primeira vez que eu li foi *Capitães*, eu falei, pode fazer isso num livro? Eu não estava sabendo. Então, ele foi a minha maior inspiração. E a Socorro Acioli, sou muito fã da Socorro. Acho que, no momento atual, é uma das minhas escritoras favoritas, mas não a que eu mais leio. Mas é o jeito que ela escreve o livro que também me interessa bastante, de mudar um pouco a forma. Não gosto de escritores que fazem isso. Às vezes tem uma história muito boa, mas a forma do livro não muda. Então, suspense, terror, romance. Eu não ligo muito pro gênero. Eu ligo mais sobre como a história vai ser contada.

**M.B:** *Falando sobre Nova Iguaçu, você como morador ao retratar a cidade como o sertão baixadiense, como moradora de Queimados me sinto representada de alguma forma quando você usa esse mito do sertão, o lado que foge da central é o lado mais "interiorano/caipira". Então, você cresce em Nova Iguaçu, vai para o centro do Rio, então existe essa transição geográfica. Como isso te influencia dentro do seu trabalho e de que forma você aborda isso?*

# DOSSIÊ daGAVETA

**C.L:** Olha, eu pude ver a cidade. O estado do Rio de Janeiro é gigante, só que a transição da Baixada pro Centro é surreal, assim, ela é uma coisa que é fora de casa. Na Baixada eu me sinto em casa, ponto. Vir pra cá é um estranhamento, apesar de ser muito comum, porque ainda é o Rio de Janeiro, ainda é Brasil, só que parece um lugar, pelo menos nas primeiras vezes que eu venho pra cá, parece um lugar que ele não... Eu não estou nem falando de preconceito nem nada, mas é um lugar que não te convida. Então é difícil a condução. Aí já começa o problema. É difícil chegar aqui, aqui no Centro. Eu não digo nem, tipo, Copacabana. É difícil chegar aqui, e quando você chega, é difícil você ter esses acessos. Você tem que andar muito, você tem que conhecer tal lugar, você não pode ir a tal lugar, tudo fica muito difícil. Então eu acho que na minha escrita foi isso, né? Na minha escrita eu acho que o que mais impactou foi perceber que nesses lugares, o Rio de Janeiro não é o mesmo. E aí eu tinha certas noções, tipo assim, não, tem esse Rio aqui, e tem ali Copacabana, Ipanema, etc. Mas não, tem vários Rio de Janeiro dentro do Rio de Janeiro, assim. Então, o processo de ir pra UFRJ mudou o meu ponto de eu não consigo mais falar, não consigo mais escrever de um jeito que pareça estadunidense, de um jeito que não tenha um pouco mais algo regional. Porque tava me atravessando muito. Acho que a vivência do Rio de Janeiro, ela começa a te atravessar tanto que você tem que colocar algum lugar. Sabe? Isso pra fora. E aí foi isso, foi natural. Assim, natural forçado, o Rio de Janeiro me forçou isso. Mas foi natural. Foi direto pra minha escrita.

**M.B:** No que diz respeito aos seus personagens principais, que são homens negros e pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, como você se coloca dentro dessas histórias? E existe a necessidade de você se distanciar das suas vivências ou se você mantém ela nas sua escrita?

**C.L:** Gente, eu vou dar uma decepcionada, talvez. Eu não tinha percebido que os meus protagonistas todos são LGBT. Pra mim sempre, sério, tipo assim, só veio. E aí eu lembro do meu primeiro livro, no Wattpad, que um dos protagonistas, são dois, ele é bissexual. E foi natural. Não foi algo pensado, vou fazer isso para... Não. E aí quando fui ver todos, todos tinham, então eu não consigo escrever algo que eu não me veja, não consigo. Não consigo escrever alguma coisa que eu não fale: tem um pouco de mim aqui. Porque a minha escrita, acho que de todos os escritores, tem que ter um pouco de você. Você tem que se ver, tipo assim, essa história está me conectando, me agrada mesmo, entendeu? Então, eu sendo o meu primeiro crítico, eu fico tipo assim, eu não consigo colocar algo que não tá na minha vida, gente. Sendo bem egoísta mesmo. Tipo assim, eu não consigo não botar uma pessoa preta, não consigo não botar uma pessoa LGBT. Pra mim não dá. Então, outra coisa que eu percebi, a maioria dos meus personagens, a maioria dos meus personagens não, a maioria dos

# DOSSIÊ daGAVETA

meus livros tem personagens bissexuais, e eu me descobri bi em 2019, foi bem recente, assim, digamos, né? Outra coisa que eu fiquei, cara, eu acho que sempre esteve ali, de alguma forma, sabe? Só que é isso, é natural pra mim, eu me vejo nos meus personagens totalmente, dos que eu não gosto, dos que eu gosto. Eles têm medos meus, têm tudo, e de outras pessoas que me cercam, as pessoas que me cercam dificilmente são heterossexuais. E quando são heterossexuais, não são brancos, é muito difícil, entende? Então, eu gosto de escrever sobre a minha realidade. Não consigo pegar um livro meu e fazer uma fantasia, uma prospecção numa vida de outra pessoa, entende? Não consigo.

**M.B:** Tem um trecho do livro *Fruto Podre* em que você evidência a junção dos nomes do protagonista e do santo casamenteiro Antônio de Pádua. Como foi trabalhar com assuntos como catolicismo e fazer dele uma parte essencial da obra, visando uma Nova Iguaçu dentro do espectro religioso e até mesmo conservadora?

**C.L:** Então, eu não nasci numa família totalmente cristã. Então, pra mim, já foi um processo mais fácil de entender outras religiões, pelo menos.

E também não nasci de uma família de só uma religião. Então dei essa sorte de sempre estar ali querendo saber mais, entender como funciona o processo religioso. Essa brincadeira com o Santo Antônio e o Antônio foi, eu não digo sem querer, mas foi o acaso que fez se juntar. Porque, meu Deus, não vou falar isso. É porque ele é inspirado numa pessoa... Não, vou falar, sim. Ele é inspirado no meu pai. Meu pai se chama Antônio. Só que aí, eu já queria trazer o Santo Antônio porque o Santo Antônio é correlato a Exu. E esse livro tem uma bagagem de Exu ali, bem por trás. E aí eu falei "meu Deus, Santo Antônio tem o Antônio, casou". E aí eu fui criando, não a história em cima disso, mas eu fui criando toda a narrativa dele em cima de... Já que Santo Antônio é um santo casamenteiro e tudo mais, em cima de alguém que não sustenta o casamento, entende? Porque eu queria trazer essa outra versão do Santo Antônio. Não do Santo Antônio, pelo amor de Deus, do Antônio. Mas... Mais o que você falou? Sobre a religião?

**M.B:** Como é a sua visão como autor de suspense quando se trata da religião e como você usa a liberdade de escrita pra retratar essas histórias?

**C.L:** Eu, assim, tenho um fascínio pela Igreja. Não tanto no ponto de ser da igreja, eu acho que tem tantos assuntos que tem como debater e ser, desculpa, mas ser contra, tipo desafiar. E é tão sensível, tipo, pessoas na Igreja costumam ser sensíveis e são assuntos sensíveis, eu gosto disso, exatamente disso. Eu acho que o Jorge Amado tem um pouco também sobre a questão de religião, que ele fala muito sobre macumba

# DOSSIÊ daGAVETA

e tudo mais. E eu sempre pensei, eu acho que é isso que eu quero fazer, eu quero falar sobre coisas que a gente não está falando por medo ou por receio. E quando fala muito de um jeito muito errado, então eu estava querendo trazer um pouco de um jeito mais crítico. Acho que a minha escrita se relaciona com isso. Eu acho que é fácil pra mim, porque minha família sempre teve esse movimento de religião. Ao mesmo tempo que é desafiador falar enquanto um homem preto perante a sociedade, eu sei que eu vou ter menos leitores, eu sei que portas vão ser fechadas por causa disso, só que é impossível não colocar essas coisas, porque eu acho que elas precisam ser faladas, e principalmente elas precisam ser faladas que eu preciso falar dessas coisas como escritor mesmo.

**M.B:** No seu livro *Céu de Asfalto*, você revela uma outra face da cidade do Rio de Janeiro, uma mais sombria, mas que também é uma grande parte da identidade da cidade. Quais são as camadas que você enxerga nas pessoas e nos espaços urbanos do Rio e como lida com isso na hora de construir cenários, atmosferas?

**C.L:** Então, eu estava querendo contar a história do Rio de Janeiro pela minha perspectiva. E aí, *Fruto Podre* ia sair antes de *Céu de Asfalto*, não saiu por uma questão de logística minha em mercado, assim, porque eu pensei que não era um livro atrativo, e foi, mas eu estava com muito receio de falar sobre temas familiares, mais ainda em Tinguá, ninguém conhece Tinguá. E ainda tratar Tinguá como sertão, entende? E aí, eu acho que o mais, como é que eu posso dizer? O mais interessante pra mim foi pegar exatamente isso, um lugar que as pessoas não falam sobre, então elas não vão ter quase nenhum livro sobre isso. E elas também não vão ter, elas não vão ter não, elas vão ter muita curiosidade. Eu acho que o lance em *Fruto Podre*, quando eu vou falar sobre o sertão carioca, se passa no Recreio, tem um certo grupo de pessoas que moram em uma área afastada, numa zona demarcada, que não são indígenas, são pessoas que vieram de outros estados, ou que, enfim, foram pra lá, morar lá, e aí criaram esse sertão, uma espécie de sertão ali, elas moram em casas de pau-a-pique, etc. Só que eu falei, esse não é o único sertão, só porque ele está demarcado, como a prefeitura quis ou qualquer coisa assim. E aí, quando eu pensei em Tinguá, eu falei, é exatamente esse lugar. Então, pra mim, o sertão carioca, ele tem a sua própria realidade, ele tem a sua diferença, quando você é de Nova Iguaçu e de adjacências, você vai em Tinguá, você sente que é um lugar completamente diferente. E, eu fiquei pensando que, quando eu fui falar de Madureira, em *Céu de Asfalto*, eu estava fazendo essa transição, saindo da Baixada, até chegar no Centro. Meu próximo livro, eu estou querendo que seja no Centro, que eu queria falar sobre essa via, assim. Então, colocar Madureira foi mais fácil. Madureira é um lugar que a maioria das pessoas conhecem, então, o arcabouço de Madureira, de pesquisa, de tudo, é muito mais fácil de tratar. Pra mim, foi tranquilo. Madureira, né? Agora, *Fruto Podre* não tanto.

# DOSSIÊ daGAVETA

**M.B:** Para finalizar, o que você gostaria de deixar para os futuros autores cariocas como herança dentro da literatura brasileira?

**C.L:** Ai, meu Deus. Não me preparei. Tá, eu quero deixar... Eu vou tentar não deixar algo só social, porque a Amanda deu uma resposta ótima. Não sei quem está na ordem, mas foi incrível. Eu acho que eu vou deixar algo mais artístico num ponto de pessoal, eu acho que pra ser ousado. Quero deixar um exemplo de ousadia máxima, sem se preocupar tanto com português, com vírgula, com ponto, com nada. Conte uma história, mas conte uma história ousada, uma história diferente, que seja sua, porque ninguém vai contar essa história. Ninguém. Ninguém vai contar o dia que você pegou um limãozinho lá no vizinho.

Então, essas particularidades são a sua própria ousadia. Eu acho que se você tem uma certa identidade, e você é artista, escritor ou ator, qualquer coisa, coloque ela pra fora, é o momento de colocar ela pra fora porque outras pessoas fizeram um monte de coisas iguais, você vai precisar fazer uma coisa diferente. A verdade é essa. A coisa diferente é a sua vida, porque ninguém no mundo viveu ela. Então, a sua mentalidade, do que você acha, do que você quer viver, do que você quer passar, é só seu. Então, se você coloca isso na arte é único, não tem outro igual. Então, eu acredito que Jorge Amado, infelizmente, não vou conseguir ser igual a ele, só que eu quero ser o Caio, igual o Joãozinho vai ser o Joãozinho, a Mariazinha vai ser a Mariazinha, e é isso. Eu admiro extremamente escritores contemporâneos, continuam produzindo. Eu sei que o mercado é muito difícil, eu sei que essa luta pra ser reconhecida é muito difícil, só que eu peço ao máximo que os próximos, os que estão comigo, continuem produzindo acima de tudo. Até me arrepiei, gente. Foi um recado até pra mim. Porque eu acho que o Brasil e as pessoas em volta, e você mesmo precisa disso.

# DOSSIÊ daGAVETA

## *Briga de Bar*

Seu Manel era homem honesto, não desses que se diz do bem, era do bem de verdade. Desses que já deu banho no mendigo no meio da rua, desses que já deu trabalho pra prostituta, desses que não vai pra igreja, não vai pra macumba, só tem um altazinho em casa com São Jorge porque diz ele que esse é o santo do povo e, sendo do povo, o único a quem se pode rezar. Junto da casa do seu Manel, na frente, ele tinha um bar.

Luz amarela, balcão de vidro, seis mesas da Brahma dispostas ao longo do pequeno salão e mais outras tantas empilhadas pra quem chegasse e não tivesse lugar. Ele ficava ali, atrás do balcão, entregando cerveja, cafézinho, torresmo, ovo cozido, salaminho, sardinha frita... E os bebuns, seus amigos de longa data, iam se embebedar e empanturrar.

O negócio era do pai do pai de Manel, todos Manéis, nenhum deles bebia, mas bebida no subúrbio era algo que dava dinheiro. Muito calor e pouca coisa pra fazer, o cenário perfeito era o futebol na televisão posicionada num quadrado de ferro, com portinhola quando o bar fechava, e os cascos estralando do Manoelzinho barrigudo de cabelo branco.

E se eu falo de futebol, perdão aos torcedores dos outros times, mas eu vou falar exatamente do dia decisivo, como todos os dias eram para esses dois times, em que Flamengo e Vasco duelavam no Maracanã. Um a um o placar, a maioria do bar era flamenguista, uma pouca parcela vascaína, e quase nada dos outros times espalhados. Manel era botafoguense, doente, e ele teimava que não colocava final de flamenguista e vascaína na televisão porque nos outros bares dava confusão.

Mas todos insistiram que ele perdia clientela.

Lá estava ele, entregando a bandejinha de carne de sol, quando o Flamengo marcou outro em cima do Vasco e alguém gritou "Chupa corno!". Quem gritou foi o Betão, uma geladeira de homem que só ficava estressado em dia de jogo, mas ele disse brincando. O homem que ele gritou no ouvido era Cadinho, marido de Joana, corno de verdade, que não entendeu na brincadeira.

E a virilidade masculina, que anda de mãos dadas com a burrice, fez com que Cadinho levantasse da cadeira, esbarrasse no Arnaldo, e fizesse a bandeja de carne de sol voar pra todo lado. E antes fosse só esse o problema,

# DOSSIÊ daGAVETA

mas Cadinho empurrou Betão, e Betão caiu em cima de outra mesa, e agora não só tinha carne de sol no chão como três cascos quebrados de cerveja. Então metade deu razão para Cadinho e metade achou exagero e ficou do lado de Betão. Logo, o diminutivo e o aumentativo caíram na porrada.

Soco pra cá e pra lá, chute pra cima, e Seu Manel atrás do balcão gritando pra ninguém quebrar nada do bar dele. Confusão. Quem tentava separar acabava entrando na briga.

Vasco marcou mais um, placar dois a dois.

Foi daí que, não se sabe como, mas estava todo mundo se engalfinhando, flamenguista com flamenguista, vascaíno com vascaíno. Engraçado que no meio de campo também começava um xingamento, um empurrão, um soco e o Seu Manel de lá era um juiz contra vários jogadores.

Briga histórica, desde o Coliseu, os torcedores dos gladiadores retiários contra secutores, o banho de sangue na arena respingava na arquibancada. Então era arremesso de pedra, briga entre as torcidas, e aquele palanque de horror fomentava que isso acontecesse mais vezes. O que acontecia no bar do Seu Manel era o respingo de secular romano, ou se formos puxar, o lado animal biológico. Ou o que prefiro dizer, burrice.

Outra coisa que não se sabe como foi é que Cadinho, apesar do tamanho, apesar da finura, apesar de não ter cara de briga, derrubou Betão. Davi e Golias. Ele pegou uma garrafa, deu-lhe na cabeça de Betão e fez o gigante cair de cara no meio-fio. O sangue primeiro saiu explodido, deu tempo de Betão gritar, e depois o sangue fez rio pelo asfalto, e todo mundo ficou em silêncio na mesma hora.

Seu Manel saiu de dentro do bar abrindo espaço entre a muralha de homens mais altos que ele, e encontrou Betão morto e Cadinho paralisado.

“Apita o juiz! Fim de jogo no Maracanã, e apesar da briga no meio do campo, os rivais empatam no final do segundo tempo.”

**Caio Liima, Autor de  
*Céu de Asfalto e Fruto Podre***